

AUDIO VIDEO MAGAZINE

ANO 14
NOVEMBRO 2009

151

EDITORA
CAMI
clubedoaudio.com.br

R\$14 €5



ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA



AMPLIFICADOR MBL 9008 A ÊXTASE SONORO



BLU RAY OPPO BDP-83
A REFERÊNCIA HI-END



WADIA iTRANSPORT
O PAR IDEAL DO IPOD

E MAIS

TESTE DE AUDIO

- 2 . CAIXA PSB IMAGINE T
- 3 . CABO RCA WIND

ENTREVISTA

EUCLIDES MARQUES,
UM VIOLONISTA EM ASCENÇÃO

TESTE
1
AUDIO





AMPLIFICADOR MBL 9008 A

 **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

Ainda que busque pela memória, não sei dizer com precisão se foi com 7 ou 8 anos que percebi pela primeira vez como equipamentos podiam soar diferentemente.

Só sei que, no momento em que descobri que as diferenças eram perceptíveis, minha forma de ouvir música se transformou para sempre. Diria que esse fato foi crucial para eu ampliar de forma contundente meu gosto por diversos gêneros musicais.

Pois, quando escutava músicas que eu não conhecia, minha atenção por ouvir diferenças ampliava também minha concentração e percepção. Assim meu interesse por conhecer a sonoridade dos instrumentos me levou a acompanhar meu pai ao Teatro Municipal e, conseqüentemente, a interessar-me por música clássica.

Criando esse novo hábito, rapidamente notei que as observações dos equipamentos se tornaram mais fáceis e consistentes. E como meu pai era muito 'sacador', começou a dar cada vez mais corda e utilizar minhas observações também para o ajuste dos sistemas de seus clientes. A fase que estivemos mais ligados foi justamente no final da década de sessenta até o meio da década de setenta. Estávamos vivendo o auge da entrada dos amplificadores transistorizados japoneses, e a febre por essa nova tecnologia levou a uma busca desenfreada pela escolha das melhores opções. Havia semanas que chegávamos a visitar quatro a cinco clientes.

E, à medida que meu pai começou a confiar nas minhas observações, ele ficava o caminho todo até chegar ao cliente me passando um briefing do produto que iríamos escutar. Eu, por mais que me esforçasse para guardar nomes, acabava por esquecer e seguia simplesmente minha intuição.

Chegando ao cliente, sentava-me em uma cadeira afastada das melhores posições e ficava observando a 'muvuca' que se formava até o anfitrião dar início às audições. O interessante é que, quando

meu pai gostava do que estava escutando, me chamava e trocava de lugar comigo. Se ele não fizesse isso, sabia que na próxima meia hora ele daria um jeito de escaparmos dali. Quando as audições eram no meio da semana a noite, seu álibi era que eu tinha que acordar muito cedo para ir à escola.

Na volta para casa apreciava ouvir suas impressões a respeito dos produtos que tínhamos gostado e também dos que ele tinha detestado. Assim eu conseguia informações suficientes para entender como meu pai ouvia os equipamentos e o que lhe agradava ou não. De maneira geral, assim como todos os CD players lançados na primeira década, todos os primeiros amplificadores transistorizados soavam medonhamente. De forma resumida e puxando pela minha memória musical, soavam tosco, sem nenhuma musicalidade. Como dizia meu pai, "eles colocavam força onde se precisava de delicadeza e soavam sem alma".

Lembro-me que essa percepção referente a limitação dos amplificadores transistorizados foi mudando depois de 5 ou 6 anos e comecei a perceber que, para determinados gêneros musicais e determinadas caixas acústicas, o transistor começava a 'soar' de maneira mais interessante.

Mas para o meu pai bastava ouvir Ella ou Frank Sinatra para se desencantar com qualquer amplificador transistorizado. Ele seguiu fiel aos amplificadores valvulados até a década de 90, quando começou a escutar uma nova geração de amplificadores transistorizados que eu começava a receber para teste primeiro na revista *Áudio News* e depois na nossa *Áudio & Vídeo*.

Conhecendo-o tão bem, selecionava os que tivessem uma sonoridade que agradasse ao seu gosto. Como já escrevi uma vez na seção espaço aberto, tínhamos até um 'código': se era para trazer o pijama e a pasta de dente significava que as audições seriam



▶ longas ou era apenas uma visita formal (de pouco mais de 2 horas). Ainda que tenha selecionado pelo menos uns dez amplificadores transistorizados para ele escutar, seu encantamento foi apenas por 2 deles. Ele ouvia a brutal evolução que os amplificadores transistorizados alcançaram, mas quando ele me pedia para ouvir seus cantores preferidos ele sempre balançava a cabeça e acabava a audição afirmando que ele preferia menos transparência e mais musicalidade.

Nossas conversas nos seus últimos anos de vida sempre giravam em torno da possibilidade de existir ou não um amplificador transistorizado que tivesse todas as qualidades que essa topologia alcançou e mais o calor, naturalidade e musicalidade do amplificador valvulado. O mesmo desapontamento ele tinha quando escutava um amplificador valvulado e comentava que na macrodinâmica ele poderia ser mais visceral, ou sentia falta de mais extensão nos extremos. Lembro-me que na última vez que estive em minha casa, já bastante debilitado, ele me disse que não viveria para escutar o "amplificador dos deuses" mas que ele acreditava que eu teria o privilégio de ouvi-lo.

Ouvi seu lamento e fiquei em silêncio. Depois de sua morte, passei a me perguntar o que seria um amplificador dos deuses. Que qualidades ele deveria ter para ser reconhecido como tal? Se ele existe, audiófilos experientes conseguiriam notar a ponto dele se

tornar uma referência absoluta?

À medida que grandes amplificadores transistorizados foram passando pela minha sala de trabalho, alguns se aproximaram mais do amplificador ideal, mas não a ponto de preencherem todas as qualidades necessárias para serem colocados no mais alto grau de referência. Outro obstáculo pessoal que enfrento é que jamais conseguirei afirmar que o produto em teste é o melhor do mundo, pois eu jamais ouvirei todos os melhores produtos do mundo ao mesmo tempo para fazer tal afirmação.

O máximo que posso escrever é que, naquele momento, o produto em teste é o melhor que escutei até então. E só. Acho de uma prepotência sem cabimento sair dizendo que tal produto é o melhor do mundo, pois também não possuo méritos profissionais suficientes para isso (e nem desejo tê-los).

Mas também não posso jogar fora a posição privilegiada que possuo de nos últimos 17 anos de minha vida ter escutado todos os principais produtos comercializados no país (ainda que parte deles só na casa de leitores ou nos Hi-Fi Shows). Com isso, é claro que possuo um panorama bastante atualizado do estágio real da tecnologia high-end aqui e no mundo e posso confortavelmente tirar minhas conclusões a respeito de inúmeros produtos.

Quando soube que iria receber para teste os monoblocos 9008 A, da MBL, um misto de ansiedade e preocupação tomou conta de mim pelo fato de ser possuidor de um amplificador integrado deste fabricante há cerca de três anos e de conhecer todas as suas inúmeras qualidades e pouquíssimas limitações. Tanto que, até este exato momento, é indiscutivelmente minha referência absoluta em amplificadores integrados.

A ansiedade se instalou devido o MBL 9008 A ser de longe o mais caro amplificador testado por nós até hoje (mais de 100 mil dólares!). Daí a dúvida: será que o resto do sistema será compatível? Serei justo em minha avaliação com o amplificador?

Com tantos anos de estrada, aos poucos a ansiedade se aquietou e comecei a preparar sua chegada. Junto com o amplificador, o Vlamir, da Logical Design, enviou seus novos cabos de força edição especial e também seu surpreendente cabo de caixa e me tranquilizou dizendo que, pela sua experiência, o MBL é bastante compatível com uma infinidade de pré-amplificadores (isso é fato, pois noto que uma das principais virtudes do integrado 7008 é justamente sua sinergia com qualquer caixa acústica, assim como com diversos CD Players e cabos de interligação).

Só não me preparei para o peso dos monoblocos que acabaram com as minhas costas e fizeram voltar à ativa uma velha hérnia de disco que carrego há duas décadas (enquanto escrevo o teste, amigo leitor, estou a base de anti-inflamatório e bolsa de água quente). O MBL 9008 possui inúmeros diferenciais em relação a outros grandes amplificadores, mas o que mais me chamou a atenção foi o consumidor poder optar por comprar apenas um, ▶



colocando-o em estéreo até ganhar fôlego novamente e adquirir o outro par. Neste caso o consumidor só terá que utilizar suas entradas RCA (single ended), pois só em mono ele permite o uso da entrada XLR (balanceada). As informações técnicas foram colocadas em um box, assim como algumas características de topologia e desenvolvimento que também estão em um segundo box. Para o teste, utilizei os seguintes equipamentos:

- Pré-amplificadores: Acuphase 2810 e Audiopax model 5;
- Fonte analógica: Transrotor ZET 3.2;
- Braço: SME IV;
- Cápsula: Benz Micro LP;
- Pré de phono: ASR Basis Exclusive;
- CD Player: Puccini, da dcS, com CLock externo também dcS;
- Cabos de interligação: Logical Cables especial edition, Jubilee da van den Hul, Purist Áudio Anniversary, Odin da Nordost e Wind (leia teste 4 de áudio nesta edição);
- Cabos de caixa: Logical Cable Especial Edition, Odin Nordost e Transparent Áudio Reference XL SS;
- Cabos de força: Transparent Áudio Powerlink MM, Purist Áudio Anniversary e Logical Cables Edição Especial;
- Caixas acústicas: Dynaudio Temptation, B&W 800D e PSB Synchrony One.
- Condicionadores de Energia: Upsai ACR 3100 D, Módulo Isolador ACI 3100 e AcOrganizer LC 311 SE.

Rack Airon série X com plataforma Ricardo de Marino.

O 9008 A veio direto da Alemanha para a editora, o que exigiu uma longa queima de quase 250 horas. Estávamos na queima também da B&W 800D e decidimos deixar ambos amaciando. Com isso minhas anotações iniciais foram resumidas, pois ambos produtos estavam absurdamente engessados.

E, quando digo engessado, é engessado mesmo. Meu pai gostava mais do termo “embotado”. Eu não mantenho sua versão

pois, com o longo dos anos, o termo embotado também passou a ser utilizado por ele em sistemas para lá de amaciados e que nunca mudaram suas características iniciais. Já o termo engessado me parece mais honesto pelo fato de ser utilizado em produtos que depois da queima “desabrocham”.

Alguns até se transformam como em um passe de mágica, portanto engessado me parece muito mais conveniente. Lá pelo sexto dia de queima do MBL 9008 A (ligado a Dynaudio, já que a B&W 800D já estava em teste), percebi uma característica que me chamou demasiadamente a atenção: os graves que ele arrancava da Dynaudio jamais havia escutado com nenhum outro amplificador.

Eram precisos, sólidos e se distribuíam na sala com tamanha beleza que a música toda se tornava muita mais coerente e visceral! Lembrou-me os graves que eu havia conseguido reproduzir na Dynaudio Master. Tão próximos dessa que me fez inevitavelmente perguntar como elas então se comportariam na companhia do 9008 A.

Acabado o teste da B&W 800D, tinha mais uma questão a ser resolvida: quais cabos de força utilizar? O 9008 A utiliza dois cabos de força por monobloco (leia box com informações técnicas). Cabos diferentes em cada monobloco dariam resultados sônicos diferentes ou precisaria utilizar 4 cabos idênticos? Se a resposta fosse sim para a segunda pergunta eu estaria em situação difícil, pois, como arranjar 4 cabos de força do mesmo padrão? A MBL lhe dá a opção de utilizar apenas a tomada principal de força, porém bastou algumas horas ouvindo dessa maneira para perceber que a qualidade do áudio não era a mesma, principalmente na macrodinâmica e na resposta dos graves que tanto me encantaram.

Assim, enquanto buscava uma solução para a escolha dos 4 cabos de força, optei por escutá-lo em estéreo utilizando os dois cabos da Logical Cables Edição Especial e também dois Transparent Áudio. Para ligar apenas um 9008 A, utilizei os cabos de interligação RCA que estavam disponíveis (Jubilee, Wind e Índigo da Chord), ainda que sabendo que os três estavam abaixo do potencial do power. O resultado foi surpreendente! Diria de forma objetiva que ainda que ele perca seu tamanho controle na macrodinâmica, todas as outras excelentes qualidades estão preservadas. Para o consumidor que não tiver a intenção de comprar os monoblocos 9008 A em estéreo, já é um excepcional power!

Mas deixemos para descrever suas notáveis qualidades mais adiante, pois antes tínhamos mais uma questão para resolver: o cabo de caixa, já que o 9008 A mostrou total sinergia com todos os cabos utilizados, porém sobressaindo características sônicas distintas. Com o Transparent Áudio, o mais emocionante era a recriação das texturas e o arejamento principalmente em obras sinfônicas com o Logical Cables o silêncio de fundo e a naturalidade tímbrica se destacaram de forma contundente, e com o Nordost a velocidade, o equilíbrio tonal e a recriação da ambiência foram





▶ simplesmente notáveis!

Se pudesse teria até mesmo mostrado no teste aberto as diferenças entre os cabos, mas seria extremamente dispendioso e dobraria o tempo de apresentação do teste, o que na prática seria totalmente inviável.

Para o teste aberto acabei por optar pelo Logical Cables em homenagem ao meu pai e ao querido amigo senhor Sun (que também já falei dele na seção espaço aberto). Conhecendo ambos e sabendo do gosto pessoal semelhante, eles certamente adorariam escutar seus discos preferidos com o Logical Cables tamanha a naturalidade na reprodução dos timbres dos instrumentos.

Em certo momento do teste, achei até que estava “viajando” na questão da naturalidade e musicalidade do 9008 A. Tamanha dúvida me fez tomar a decisão de convidar novamente para o teste aberto o leitor Euclides Marques que havia participado do teste da B&W 800D e me dado de presente o seu lindo CD Remexendo.

Achei que, se ele escuta-se a faixa Berimbau de seu disco, poderia me ajudar a explicar para os outros participantes do teste aberto o quanto o MBL 9008 A era ‘mágico’ na reprodução dos timbres. Ele aceitou o convite, porém sem saber o que eu iria ‘aprontar’. Cerca de duas semanas antes do teste aberto, cheguei à conclusão de que o ideal em termos de cabos de força seria usar os Transparents Áudio na tomada principal e os Logical Cables na

segunda tomada de cada monobloco. Não perdi a principal característica sônica do MBL (naturalidade e musicalidade) e ganhei em velocidade, impetuosidade e arejamento.

A escolha dos 34 discos para o teste aberto foi outro dilema, já que dos mais de 150 discos que escutei (tudo soava divino e diferente de tudo que já havia escutado em qualquer momento em meus sistemas de referência). Ou seja, era difícil escolher os discos, ao mesmo tempo que cada audição me remetia a novas surpresas, levando-me a querer ouvir cada disco por inteiro.

Tenho que admitir, amigo leitor, que foi de longe o teste mais delicioso que fiz em toda a minha vida. Imagine você estar realizando um teste e ao mesmo tempo ‘descobrimdo’ novas sonoridades, intencionalidades, detalhes jamais reproduzidos, e tudo sempre apresentado de forma visceralmente correta e musical! Cada vez que eu entrava em casa para o jantar com a família com uma largo sorriso no rosto, como uma criança que acaba de vencer um desafio ou conquistar algo muito desejado, meu filho e minha esposa só repetiam: “deve realmente ser algo muito especial”.

Minha cara denunciava tanta coisa que numa noite a sala de trabalho foi tomada de assalto por toda a família. Ficamos por mais de duas horas todos em silêncio como que hipnotizados ouvindo de tudo. Até a pequena Ligia manifestou seu contentamento quando

colocamos David Sylvian e Marta Gomes (que ela adora, bate palma e dança). Minha esposa, apaixonada por música brasileira, não se conteve ao ouvir Zizi Possi e comentou a naturalidade da voz e instrumentos e o grau de emoção inerente na audição. Ela sintetizou seu pensamento com a seguinte frase: “A música se apresenta composta de sons e emoções”. O ápice de minhas observações ocorreram quando ouvi duas gravações: Shirley Horn -You Won't Forget me - faixa 11 e André Mehmari – Lacrimae - faixa 12. São duas músicas que conheço compasso por compasso e ainda assim não consegui deixar de ficar em estado de êxtase após a ‘interpretação’ de ambas pelo MBL 9008 A.

Indefinível em palavras, mas perfeitamente passível de se atingir o mesmo resultado centenas de vezes. Tanto que coloquei ambas para tocar no teste aberto e a sala se envolveu em um silêncio de total respeito e admiração coletiva (leia opinião dos leitores).

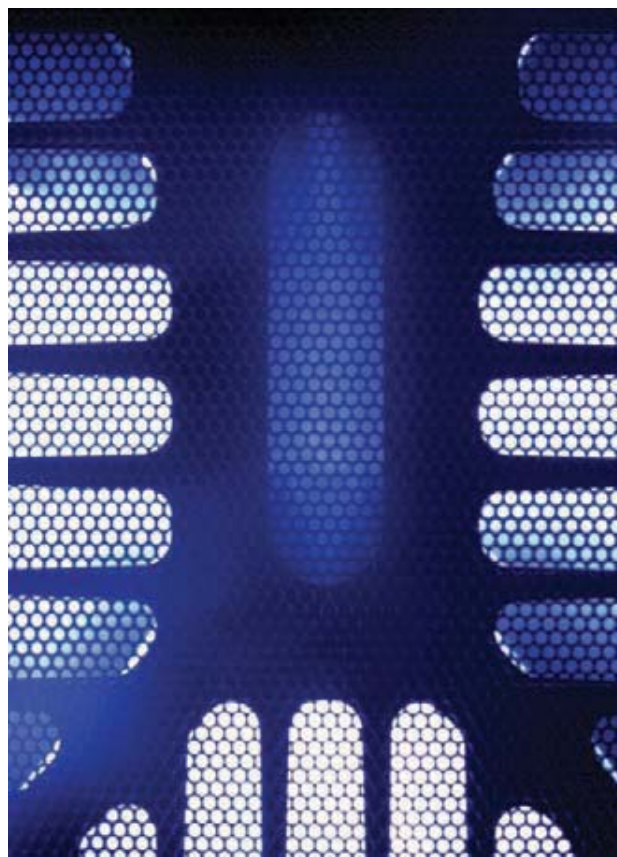
Dezenas de excelente amplificadores de estado sólido e valvulado possuem características que encantam a qualquer um que seja apaixonado por música. Uns são de uma transparência e velocidade de tirar o fôlego, outros são sedutores pelo calor e naturalidade que apresentam a música, outros se destacam pelo seu perfeito equilíbrio tonal e outros por simplificar a música de forma a torná-la sedutora e atraente.

Tive a honra como editor da revista de testar excelentes amplificadores e de cabeça posso citar pelo menos dois bons exemplos de cada grupo. Mas encontrar em um único produto todas as principais características que são perseguidas e desejadas por todos os audiófilos e melômanos é a primeira vez.

Não estou dizendo que não existam outros, mas sim que nos meus 51 anos de vida não escutei. É como afirmar ou não que exista vida inteligente além de nós no universo. As evidências indicam por enquanto que não, mas o número de planetas encontrados em outras galáxias diz que ao menos teoricamente é perfeitamente viável. Tanto que o físico Carl Sagan, antes de morrer, dedicou inúmeros artigos defendendo a hipótese de vida em todo o universo. O que estou querendo afirmar é que se produtos similares ao MBL 9008 A existem mas eles não são contados em dezenas, pois senão estatisticamente eu ao menos já teria me deparado com um. Afinal, pelas minhas contas, eu devo ter escutado em meus 51 anos pelo menos uns 500 amplificadores (contando powers e integrados).

Para tentar passar minhas impressões referentes ao MBL 9008 A, devo recorrer a um outro tipo de abordagem. E a única maneira de facilitar sua vida, amigo leitor, é fazendo a pergunta certa: no que o MBL 9008 A não é bom?

Diria sem pestanejar que o 9008 A não é bom em impor uma personalidade sônica (já que ele não a apresenta tão facilmente). Ele não é um amplificador pirotécnico (enquanto a música não exigir pirotecnia dele), e ele não escolhe entre musicalidade e transparência (para ele, essa dicotomia está superada) e por fim ele não soa como



um transistorizado imitando um valvulado (ele soa como a música exige e ponto final).

Desarmado de expectativas e preconceitos é a melhor forma de ouvir o MBL 9008 A, pois ele irá se mostrar por inteiro, seja tocando uma voz solo ou seja reproduzindo os tiros de canhão da abertura 1812. Aliás, quando apresentei no teste aberto a abertura 1812, eu até brinquei com os participantes que o menos importante da obra era justamente os tiros de canhão (ainda que fosse impossível não perceber a integridade e solidez com que foram apresentados os tiros).

O MBL 9008 A não tem dificuldade em reproduzir nada desde que o restante do sistema também não tenha. Às vezes a sensação que tenho é a de que, com ele, a margem de macrodinâmica é imensamente superior a qualquer dos outros grandes amplificadores que escutei. Em todos você ‘enxerga’ a outra margem e se prepara para não ter sobressaltos. Já com o 9008 A, a outra margem não se avista. Isso permite audições com maior relaxamento de volume e um grau de fadiga ou compressão inexistente.

Falarei do sound stage por obrigação contratual com o novo editor-chefe (estou de brincadeira é claro). Não há nada que o diferencie, por exemplo, do meu amplificador de referência, a não ser pelo grau de veracidade na reprodução dos sons, o que permite um foco e recorte ainda mais ‘palpável e real’.

Quando desenvolvi os quesitos da metodologia, observei que sound stage, transparência e organicidade estavam absolutamente



interligados, sendo impossível até mesmo dizer onde começa a importância de um e acaba do outro.

No caso específico do MBL 9008 A, fica impossível delinear a responsabilidade de cada um dos quesitos pois eles se confundem, penetrando um no outro de tal forma que você não sabe se a materialização física é maior pelo grau de transparência ou se a transparência é tão 'fantasmagórica' devido ao nível de foco, recorte e arejamento. O que importa é que você irá ficar tão paralisado e atento que não irá saber o que o levou a esse estado de concentração (em muitos momentos do teste aberto, os participantes não se continham e relatavam que o que eles estavam ouvindo jamais haviam escutado).

Eu também, amigo leitor, em todos os mais de 150 discos que escutei, ouvi detalhes jamais antes observados. E não estou falando de ruídos, microdinâmica, etc. Falo de observar a complexidade de determinadas passagens, tempos distintos de decaimento, sons refletidos e diretos, dobrar de vozes em terças, quintas e oitavas, diferença de andamento entre os instrumentos, etc, tornando a reprodução eletrônica muito mais próxima da execução ao vivo e mostrando que estamos ouvindo músicos e não máquinas. O músico Euclides Marques, em seu depoimento (leia opinião do leitor), fala em ouvir pela primeira vez algo que ele achou que não tivesse feito corretamente. E no MBL 9008 A ele constatou que o que ele pensou e executou está lá e da forma como ele desejou.

Eu não convidei o Euclides para dar seu depoimento a respeito de sua performance em seu disco. Convidei-o para dar sua opinião a respeito da naturalidade tímbrica do MBL 9008 A e ele não só entendeu a grandiosidade da proposta do amplificador como teve a oportunidade de tirar uma dúvida que o perseguia por muito tempo. Este é o MBL 9008 A que estou tentando descrever para você : um amplificador tão desconcertantemente equilibrado, que não se consegue avaliá-lo em tópicos ou dissecá-lo como uma experiência em um laboratório.

Tente fazê-lo e perderá uma oportunidade única de ouvir um amplificador que se propõe a ser uma impecável ferramenta a serviço integral da música. Imagine você estar em uma noite de luar em uma ilha paradisíaca com a mulher amada e alguém começar a descrever o nome de todas as crateras que são vistas a olho nu.

Tal indiscrição é típica dos céticos e dos que perderam o encanto pelo simples e divino. Aos ainda apaixonados pela vida, que conseguem apreciar em silêncio cada novo momento, saberão aproveitar como um néctar dos deuses ouvir o MBL 9008 A, ainda que por alguns poucos minutos.

Se ele é o "amplificador dos deuses" que meu pai tanto desejou ouvir em vida eu não sei, mas afirmo que, se ele não o é, o homem deveria se contentar com o possível, já que o ideal não existe. E no âmbito do possível, o MBL 9008 A é a prova concreta de que a alta fidelidade conquistou um novo e excitante patamar. ■

NORDOST
MAKING THE CONNECTION

A combinação dos melhores materiais, a melhor tecnologia e a melhor execução só poderia resultar numa linha de cabos que é referência absoluta há uma década.

*Cabos de força
 Cabos de conexão analógica
 Cabos de conexão digital
 Cabos de caixas
 Cabos para braços*

LIQUID SOUND

19 - 32514482
www.liquidsound.com.br
vendas@liquidsound.com.br

VALHALLA

RAIO-X

A MBL é uma empresa em que todos os equipamentos são projetados e construídos na própria fábrica, incluindo painéis frontais curvos, emblemas, dissipadores, placas de circuito especiais, falantes e gabinetes. O MBL 9008A é construído com todos os componentes discretos, ou seja, sem processadores ou circuitos integrados, o que leva este processo a ser mais oneroso e a gerar um trabalho adicional. Ainda com o objetivo da máxima qualidade, resistores e capacitores de baixa tolerância e baixa indução com largura de banda em

megahertz são usados em todo o projeto, assim como fiação de cobre com 6 nozes de pureza. Peças premium incluem Transistores Superfast em "cross array", transformadores independentes e otimizados para cada função e seção do circuito, montados em escudos de alumínio/ epóxi blindados totalmente amortecidos.

Seu circuito é inteiramente balanceado e duplicado, ou seja, existem para as entradas XLR dois amplificadores atuando um em fase e outro fora de fase empurrando os falantes sem aterramento. No modo estéreo, os conectores RCA deverão ser utilizados na entrada específica, com um amplificador para cada canal.

As placas de circuito, gargalo em todos os projetos convencionais e ditos Hi-End, são patenteadas pela MBL. Conhecidas como "multi-layer FR4 glass-epóxy", apresentam o caminho do sinal mais curto possível sobre trilhas espessas de cobre puro da melhor qualidade, além de tratamento galvânico para prevenir oxidação com o passar dos anos.

O circuito possui uma topologia inovadora e desenvolvida pela MBL, que poderia ser chamada de Direct Push Pull (DPP), que simplificando irá minimizar o delay do sinal que percorre todo o caminho através dos vários estágios do circuito Push Pull convencional com o uso de um "shunt" de parte do sinal diretamente para o final do circuito. Além disso, a tecnologia das Isolated Gain Cell (células de ganho isolado), que requer menos corrente e permite que o amplificador aqueça menos, oferece sonoridade de classe A, e na realidade atua com mais potência e eficiência como um classe A/B.

O uso de retificadores "ultra fast", extremamente bem ajustados para a capacidade de carga, permite o controle correto dos capacitores, reduzindo para 1% da distorção encontrada em circuitos tradicionais usando um capacitor com a mesma especificação. O capacitor carregado rapidamente gera um "ringing" e lentamente um "ripple", que nada mais são do que distorções indesejáveis. Os tempos de carga e descarga têm que ser rigorosamente os mesmos. São estes pequenos detalhes que fazem toda a diferença na distorção total do circuito. Seu gabinete possui estrutura e acabamento sem precedentes no mundo do áudio e são preparados para operações severas. Seu design permite a refrigeração natural através de alertas laterais inferiores e superiores. Grandes dissipadores completam a manutenção da baixa temperatura interna e os consequentes benefícios, tais como:

Menor resistência no caminho do sinal;

Maior estabilidade e precisão dos componentes;

Menor aquecimento da sala de áudio;

Menor consumo de energia;

Outro recurso bastante interessante é o Power Boost. Criado inicialmente para suprir a necessidade dinâmica do equipamento, que superava os 20 ampéres de corrente e que era o máximo suportado pela indústria do áudio. Foi criada uma segunda alimentação de 15 ampéres atuando de forma diferenciada da primeira. Na prática, é como se houvessem 2 amplificadores em 1, sendo um extremamente delicado e refinado e um segundo carregado e pronto para despejar 2 mil e duzentos watts em uma fração de segundo.

FICHA TÉCNICA

Peak pulse power	2200 WATTS (2 ohms)
Rated power	1000 WATTS (2 ohms)
	840 WATTS (4 ohms)
	440 WATTS (8 ohms)
Output Voltage max	100 V peak
Output Current max	40 A peak
S/N Ratio	114 dB
Distorção	< 0,003% (4 ohms, 1 kHz)
Damping	300 @ 1 kHz
Power consumo	20 VA (stand-by)
	600 VA max
Peso	80 kg

AMPLIFICADOR MBL 9008 A

Equilíbrio Tonal	11,0
Sound Stage	11,0
Textura	11,0
Transientes	11,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	11,0
Organicidade	11,0
Musicalidade	11,0

Total 88

VOCAL	████████████████████
ROCK . POP	████████████████████
JAZZ . BLUES	████████████████████
MÚSICA DE CÂMARA	████████████████████
SINFÔNICA	████████████████████

LOGICAL DESIGN
(21) 8666.0000
PREÇO SOB CONSULTA

ESTADO DA ARTE





OPINIÃO DO IMPORTADOR

 **Vlamir Habib Freitas**
Logical Design

O primeiro contato com a MBL em Las Vegas, durante a CES de 2007, foi marcante em minha vida. O impacto visual proporcionado pelo impecável acabamento de toda a linha de produtos e a apresentação da eletrônica da linha Reference com as MBLs 101E, hoje minhas caixas, e depois com as 101 X-treme, mostrou que tratava-se de uma marca única entre todas as que pude presenciar no mercado de áudio.

Encantado com o potencial do que ouvi, e ainda considerando que as instalações elétricas do evento eram precárias, iniciei as negociações de imediato com o atual presidente da MBL USA, Mr. David Alexander, para distribuir com exclusividade a marca no Brasil.

Com a chegada do primeiro lote, mais um susto. O acabamento das embalagens era diferenciado e ia melhorando entre as linhas até chegar na Reference com Cases de alumínio e madeira, roupas em tecido aveludado, luvas de diferentes tamanhos e tudo com qualidade bem acima do mercado.

Saber que tudo isso era feito na Alemanha, por alemães e com certificação ISO 9000, algo praticamente inexistente no mundo do áudio, me deixou seguro de estar em mãos com uma joia rara.

Chegou no entanto a má notícia ao receber a carta de preços para distribuidores. Tratava-se da marca, entre todas as que conheço e ouvi falar, cuja diferença entre o MSRP (preço sugerido de lista) ►

americano) e o preço de custo do distribuidor era a menor. Isto dificultaria o comércio no Brasil, pois muitas pessoas, erroneamente, comparam o preço de lista americano com o preço praticado no mercado brasileiro para tomar sua decisão de compra sem saber que isto nada tem a ver com o preço real pago no produto pelo importador que recebe um desconto sobre o MSRP.

Na verdade este é o custo real do produto. Para se ter uma ideia, estava pronto para escolher uma outra marca alemã em que no mesmo valor de lista americano o valor a ser pago após o desconto era menos da metade do custo do MBL equivalente. A linha intermediária desta outra marca me custava menos que a básica da MBL e o MSRP era o dobro! Que tentação!

Este ponto me fez parar e repensar, mas após consultar o Fernando Andrette, que foi categórico e afirmou que a MBL era algo diferenciado e que deveria ser a minha escolha por dois motivos: o primeiro é que eu, sendo um apaixonado por áudio, deveria optar pelo melhor e não pelo mais lucrativo e o segundo que seria mais fácil justificar o melhor custar mais quando temos uma performance e um acabamento diferenciados dos demais.

Optei pela MBL e, ao chegarem os produtos, confirmamos já nas primeiras audições que a Classic line, (review do integrado 7006 e do CD player 1431) já eram produtos do alto da categoria Diamante. Que a Noble Line, através do review recente de suas caixas Radial Strahler 116 e do integrado 7008, referência da CAVI, eram produtos do topo da categoria Diamante rivalizando com os melhores do mundo e que a Reference Line seria tudo que o dinheiro pode comprar e disputava outro campeonato sem concorrentes.

Os meses se passaram e chegamos mais uma vez à acolhedora sala de testes do Fernando Andrette, desta vez para testar no Brasil o primeiro produto da Linha Reference da MBL, os amplificadores 9008 A. Inciamos com o café da manhã padrão MBL, com produtos naturais e ar puro da serra.

Tudo pronto para o teste aberto e o sistema que eu já conhecia bem desde o review do nosso Toca Discos da Transrotor ZET 3.2, em março deste ano, apresentava as seguintes diferenças: Troca de alguns cabos de força e do cabo de caixas para a nova linha Special Edition da Logical Cables. Troca dos amplificadores Krell por MBL. Troca da cápsula Frog pela Benz Micro LP.

Começamos pelos CDs e, de cara, parecia outro sistema, muito superior ao anterior, confirmando o que o Andrette me reportou pelo telefone. Não dava para acreditar que a caixa, a fonte digital e o pré eram os mesmos e que apenas os amplificadores e alguns cabos haviam sido trocados.

Fiquei muito feliz com o que ouvi, principalmente de discos difíceis como Elis e Tom e Banda Mantiqueira. O que antes era um bom custo

x benefício passou a ter características raras em qualquer sistema, independente da faixa de preço. Todos os CDs tocados soaram mais macios, musicais e com maior dinâmica.

Ao passarmos para o Transrotor ZET 3.2, comentei com o colega Arne, que estava ao meu lado, para ele observar que a forma que o som chega aos nossos ouvidos. Vindo de um TD deste quilate, é bem diferente de qualquer fonte digital. Longe de mim dizer que o DCS Pucini não deu conta do recado, pois estamos falando de mídias diferentes, e muito. O nível de fadiga nos LPs é infinitamente inferior ao que ouvimos nos CDs, além de melhorias em todos os demais quesitos da metodologia. Todos. E o que mais me chamou atenção nos MBLs, reproduzindo CD ou LP, foi o timbre muito mais correto e o silêncio de fundo, além da capacidade de se apresentar apenas quando chamado, fruto de um projeto diferenciado de amplificação. Tudo vai calmo, doce e sutil quando a música assim se apresenta.

Parece que estamos escutando um valvulado single ended de 5 watts por canal com zero feedback reproduzindo cordas e vozes. Mas quando chegam os trechos mais pesados, seja de rock, pop, clássico ou qualquer gênero, a reserva de potência é tal e está tão pronta para

entrar, que sentimos impacto da força e da pressão sonora sem o menor vestígio de endurecimento ou compressão. A folga é tanta que parece que o mesmo valvulado agora tem 2 mil watts e continua sem fazer força.

É simplesmente espetacular esta facilidade que tem o MBL 9008 A de reproduzir com tamanha precisão e fidelidade qualquer gênero musical. Eu já havia observado o mesmo nos 9007 que tive durante 1 ano. Eu diria que, se pudéssemos associar o que ouvimos ao projeto,

o Direct Push Pull (DPP) seria o responsável pela naturalidade, doçura, transparência e pelo silêncio de fundo.

O Power Boost daria a folga extra para as passagens mais complexas e a macrodinâmica avassaladora. O Isolated Gain Cell, tecnologia aplicada em todos os MBLs, seria responsável pelo aproveitamento máximo de energia, transientes de tirar o fôlego e pela precisão tímbrica, característica esta de qualquer produto da marca.

Juntando isso a um projeto de uma empresa alemã verticalizada, que busca a qualidade total acima de qualquer outro fator, e ao contrário do mundo que monta tudo ou parte na Ásia, fabricar tudo em casa na Alemanha e com várias inovações patenteadas em todos os produtos, incluindo a caixa RadialStrahler, é colocar a música acima de qualquer outro fator.

Para concluir, gostaria de anunciar em primeira mão o convite aos leitores, pois até o final do ano estaremos montando uma sala em nosso showroom no Rio com o MBL 9007 em estéreo, CD player 1531 e Transrotor Zet 3, tocando as Radial Strahler 116 com cabeamento Special Edition da Logical Cables. Um abraço e até lá. ■

“Fiquei muito feliz com o que ouvi, principalmente de discos difíceis como Elis e Tom e Banda Mantiqueira.”

OPINIÃO DO LEITOR

XX **Euclides Marques**

Vinicius de Moraes batizou uma série de composições que fez em parceria com Baden Powell de afrosambas. Além das harmonias que flertavam com o modalismo e do fraseado melódico mínimo, como o uso de escalas pentatônicas, estes sambas caracterizaram-se acima de tudo por sua força rítmica, inspirada nos pontos do candomblé baiano. Como muito bem justificou Vinicius na letra de Samba da Bênção: “Porque o samba nasceu lá na Bahia e, se hoje ele é branco na poesia, ele é negro demais no coração”.

A faixa do CD Remexendo, que gravei em duo com Luizinho 7 Cordas, escolhida pelo Fernando Andrette para ouvirmos no teste aberto dos amplificadores MBL 9008 foi Berimbau, obra-prima da parceria entre Baden e Vinicius. Na elaboração deste arranjo, que toco sozinho ao violão, procurei levar às últimas consequências o vigor rítmico da composição, reverenciando o genial violão percussivo de Baden Powell. Realizada com um único microfone (Neumann U87), sem compressão, apenas um pouco de reverb além da ambiência da sala, esta gravação, apesar de totalmente comercial e não audiófila, mostrou-se útil para a avaliação de alguns itens da metodologia.

As texturas apresentadas nos toques ora aveludados, ora metálicos, ficaram totalmente claras ao longo da peça. Principalmente quando lanço mão de um “truque”, tocando com as cordas sobrepostas para imitar o som de um berimbau. Já ouvi gente perguntar quem é o músico que está tocando berimbau! Logicamente, num sistema com boa reprodução de textura, a confusão não acontece e, no teste, acho que todos adivinharam sem dificuldade o artifício. Outra prova que os MBL “tiraram de letra” foi quanto à dinâmica. Na gravação, faço uso intenso de toques nos mais variados níveis de intensidade, do pianíssimo ao fortíssimo, quando as cordas do violão começam a “trastejar”. Foi impressionante a reprodução da microdinâmica no trêmulo – técnica onde uma mesma nota é repetida várias vezes e de maneira rápida – com as menores variações de intensidade do toque entre os dedos indicador, médio e anular da mão direita, sendo percebidas muito facilmente.

A correção tímbrica com que os MBL recriaram meu violão foi igualmente extraordinária. Chega a ser desconcertante você ouvir um som que está tão acostumado (e, neste caso, do primeiro instrumento que tenho há 19 anos!) sair de uma fonte estranha, externa àquela de costume. E meu violão estava lá, uns quatro metros à minha frente, com todos os seus devidos harmônicos audíveis soando perfeitamente. Que equilíbrio tonal!

Por fim, o “tiro de misericórdia” veio com a reprodução dos transientes... Como sabemos, é nela que reside a maior parte da sensação de balanço e fluência do ritmo e, em se tratando de um afrosamba, isso é tudo! A precisão dos toques rápidos da mão



direita nas diversas “levadas” de samba que utilizo no arranjo, tudo foi reproduzido com velocidade vertiginosa e, ao mesmo tempo, muita naturalidade. Já tinha até me conformado com um “erro” de execução que julgava ter cometido nesta gravação. Tendo já ouvido nos mais variados sistemas a última frase com a qual fecho a música – um arpejo de vinte notas tocadas em segundos, da região mais aguda do instrumento até a nota mais grave, a sexta corda afinada em ré – as quatro primeiras notas nunca soavam claras, sempre um pouco “emboladas”. Qual não foi minha surpresa ao ouvi-las, pela primeira vez, velocíssimas e destacadíssimas? Um show de transientes!

Resumindo: minha versão de Berimbau estava lá como veio ao mundo (ou ao estúdio, anos atrás) totalmente despida de qualquer véu ou coloração, expondo todas as suas qualidades e defeitos. Algo realmente impressionante que jamais imaginava ouvir em qualquer sistema.

Mais uma vez, vejo-me na obrigação de agradecer ao Fernando Andrette, e agora em dobro, pois fui duplamente agraciado. Primeiro pelo convite para ouvir uma gravação minha no teste aberto de um power e de todo um sistema state of art e aprender um pouco mais com esse mestre que, apesar de já ter ouvido possivelmente todas as grandes gravações em todos os grandes equipamentos, ainda mantém no olhar o brilho (chegando mesmo às lágrimas!) e o entusiasmo de criança diante de um novo som, de uma nova audição. Realmente, isto é pra quem traz no sangue o amor total pela música e pela arte de reproduzi-la eletronicamente. Em segundo lugar, agradeço a generosidade, a sinceridade e a gratuidade de suas palavras sobre o meu CD na edição passada da revista. Pois, opinião de especialista, de quem conhece profundamente o assunto e que já ouviu muito, muito e muito, vale muito! O próprio Baden dizia: “O que melhor recarrega as baterias do artista é o aplauso do público”.

Obrigado, Fernando, pela manhã de emoções à flor da pele e pelo aplauso tão especial à minha música!

OPINIÃO DO LEITOR

XX Carlos F. Santos

Em agosto de 2007, li a avaliação do amplificador integrado MBL 7006 e fiquei muito interessado no produto. Quando recebi o convite para o teste dos amplificadores MBL 9008 A, logo imaginei que seria uma experiência surreal! Uma viagem mesmo - tive até que pegar estrada.

Tenho dificuldade de julgar apenas os MBL, pois não conheci o sistema trabalhando em conjunto com outros amplificadores, então o meu approach foi em não fazer comparação direta com nenhum outro amplificador e sim avaliar o sistema como um todo, incluindo o bolo de queijo, com o perdão da piada, degustado durante o coffee break. Durante a audição dos discos da metodologia – muito consistente – o que mais me impressionou foi a imagem apresentada e o palco sonoro. Sem sombra de dúvidas, os mais perfeitos que eu já escutei! Cheguei a duvidar do que foi apresentado e me aproximei das caixas para certificar-me que o som vinha delas mesmo, pois a sensação é que o som vinha de uma orquestra invisível bem atrás das caixas.

O sistema passou pelas maiores provações que você, leitor, pode imaginar e mesmo assim não se sentiu acanhado, tímido ou constrangido diante dos desafios ali apresentados. Sempre que

exigido ele respondeu a altura sem ao menos se incomodar ou superaquecer. Isso mesmo: além de tudo estes amplificadores são ecologicamente corretos.

Para mim o momento que mais me emocionou foi a audição dos LPs. O som era incrível, mesmo com discos de procedência nacional, aqueles tão finos, que são possíveis usar em dias de eclipse solar. Os discos soaram com uma naturalidade e calor impressionantes. Os detalhes eram apresentados de maneira soberba e com um palco tão arejado e sólido que era possível identificar com precisão o local de onde vinham os sons.

Se você está confortável em gastar as economias de uma vida no par de amplificadores definitivos que, certamente, valem cada centavo, então os coloque na sua lista de Natal. Se o integrado 7006 possui apenas algumas características deste sistema de referência, então vou garantir o meu com o bom velhinho!

Finalmente gostaria de agradecer a recepção do Fernando e a sua generosidade em abrir as portas de sua casa para um desconhecido como eu para compartilhar uma audição inesquecível em uma sala tão bem construída. ■

NO TOPO DA QUALIDADE
EM TELAS DE PROJEÇÃO.



(11) 5642.2555 www.avaprojecta.com.br
O MELHOR PRODUTO E O MELHOR SERVIÇO.
DIAMANTE REFERÊNCIA

AVA PROJECTA

OPINIÃO DO LEITOR

XX Reinaldo A. Noronha

Participar de um Teste Aberto foi uma experiência enriquecedora e superou minhas expectativas. As instalações são excepcionais e atendem a todos os requisitos que se pode esperar de uma sala de testes. Após explicações, fomos apresentados aos Monoblocos MBL9008A, da linha Reference, que se impõem pela sua beleza e tamanho. De pronto, percebe-se estar diante de um equipamento magnífico. A competência técnica do Fernando foi fundamental para se avaliar todos os itens da metodologia adotada pela revista e qualquer comentário a respeito do que foi mostrado fica redundante. Torna-se difícil colocar em palavras o impacto que o aparelho trouxe à minha audição e percepção.

Inicialmente focou-se no equilíbrio tonal e o CD da Shirley Horn foi surpreendente. Já havia escutado o mesmo algumas vezes. Porém, parecia estar ouvindo outra gravação. A microdinâmica dos pratos e da vassoura da bateria soavam com todo detalhamento e mostrava ser muito superior a tudo que eu tivesse escutado anteriormente. As notas mais altas do piano fluíam de uma forma bastante natural, sem agredir os ouvidos. O equilíbrio tonal era de uma riqueza difícil de colocar em palavras.

Nos MBL, qualquer gênero musical apresenta-se de forma bastante natural, sem alterar em nada a gravação original. Certos detalhes e nuances em outros equipamentos soariam sem vida ou não seriam percebidos; nos MBL apresentam-se com toda riqueza de detalhes. O realismo é bastante natural e tem-se a impressão que tudo acontece ao vivo em nossa frente.

É espantoso. Qualquer gravação, seja ela mais recente ou antiga, apresenta-se com toda dignidade. Mesmo que haja uma compressão bastante acentuada, tudo será compensado com acerto correto no volume. Em discos gravados há mais de 30 anos, como é o caso do CD Elis e Tom, que também já escutei dezenas de vezes, sempre soava um pouco sem vida, em equipamentos inferiores. No MBL, parecia estar ouvindo outra gravação. Existiam detalhes e nuances que eu nunca tinha escutado. A distância entre os instrumentos e a voz da cantora era percebida claramente. Existia um equilíbrio tonal e uma dinâmica que eu nunca havia escutado com tanta naturalidade. A gravação de Winton Marsalis surpreendeu-me pelo seu detalhamento. O equilíbrio entre o trompete no lado direito e o cello no lado esquerdo era maravilhoso. Prendia a respiração para não perder nenhum detalhe. O acompanhamento orquestral de cordas para o guitarrista Pat Metheny pairava no ar e formava um colchão, onde se percebia toda a textura e corpo harmônico de uma maneira fora do comum. Foi magnífico e a música fluía com naturalidade.

“... o que mais me chamou atenção nos MBLs, reproduzindo CD ou LP, foi o timbre...”

Outro ponto forte foi a gravação de “O samba da minha terra” com a Banda Mantiqueira. Trata-se de uma “big band” com grande presença de metais e percussão acentuada. Tudo soou pulsante e com uma dinâmica bastante alta.

O arranjo é magnífico e em outros sistemas poderia soar estridente e embaralhado, mas com os MBL fluiu de uma forma bastante agradável e trouxe à minha frente toda a beleza rítmica e melódica da música. Sempre considerei um ponto fraco na maioria dos sistemas a execução de música clássica, principalmente orquestras sinfônicas que têm uma massa sonora intensa. O som quase sempre fica embaralhado e não se percebe a grandiosidade do palco sonoro e o detalhamento dos instrumentos. Com os MBL tudo ficou diferente. Percebem-se nitidamente todos os instrumentos de uma forma impressionante. Fiquei sem fôlego, algumas vezes, tentando não perder nada do que estava sendo mostrado.

A execução do Pássaro de Fogo de Stravinsky, com metais e percussão acentuada foi uma redescoberta. Na gravação, apesar de antiga, percebiam-se detalhes de graves e agudos. Fiquei surpreso com a dinâmica, a musicalidade e um palco sonoro grandioso.

Na execução de Nelson Freire de uma obra de Chopin, não se perdia uma nota sequer do piano. Tudo fluía orgânico e preciso, sem se perder nenhuma nota. Foi de tirar o fôlego, a velocidade e a profusão de notas emitidas em segundos. A velocidade dos transientes é espantosa. Chopin adoraria ter ouvido essa gravação.

Tudo que foi mostrado mexeu com minha percepção musical. Sempre apreciei combinar a qualidade técnica da aparelhagem com a obra de arte em si. Com os MBL isto foi conseguido e me leva a afirmar: “Foi de longe o melhor amplificador que escutei até hoje”. Mostrou possuir uma capacidade de apresentar a música como foi gravada, sem enfeites nem distorções, com muita sutileza nos trechos mais suaves e muita folga nas grandes massas orquestrais. A naturalidade com que a música se apresenta é o seu ponto forte. Tinha a impressão que a música estava sendo apresentada ao vivo em minha frente. Durante vários dias fiquei extasiado diante da maravilha que havia presenciado em pouco mais de 3 horas de duração. Ficarei muito tempo com essa sensação. Futuramente, com um custo-benefício dentro dos meus padrões, pretendo fazer um upgrade para o MBL9007 também da linha Reference, que assim como o 9008, também funciona isoladamente em stereo. Obrigado Andrette e parabéns à Logical Design por ter trazido esta marca diferenciada ao Brasil.